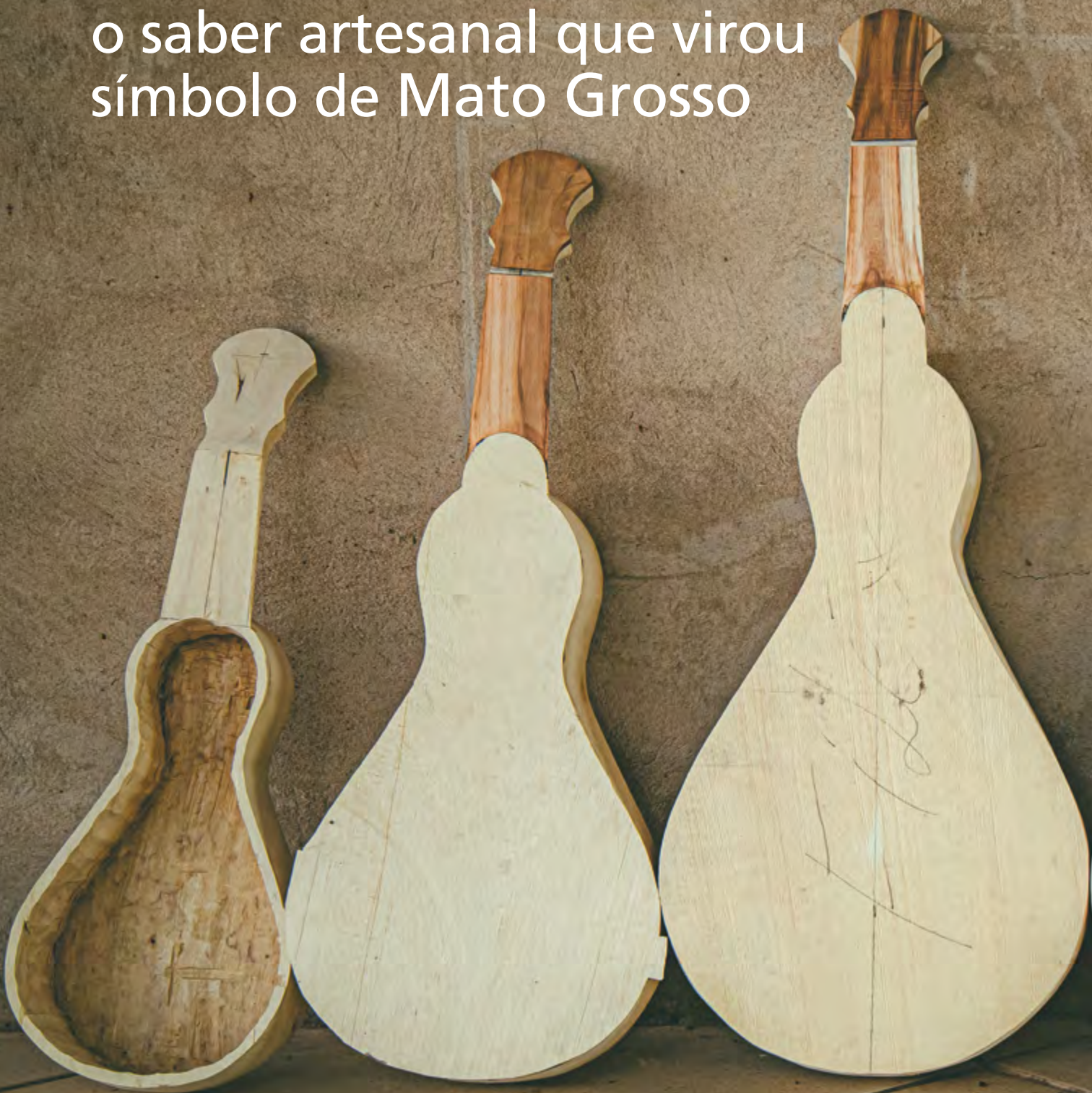


Viola-de-cocho

o saber artesanal que virou
símbolo de Mato Grosso



Herdeiro contemporâneo de um saber secular, transmitido de geração em geração desde o bisavô (Seo Manduca), **Alcides Ribeiro dos Santos**, 54, nem sequer faz ideia de quantos troncos foram metamorfoseados em violas-de-cocho sob a alquimia empírica de suas calejadas mãos.

Natural de Cuiabá, descendente de pantaneiros, vive atualmente em Varginha-MT, distrito do município de Santo Antônio de Leverger (35 km de capital). É preciso ir até o local para conhecer o artista e o seu ambiente de trabalho e criação.

O ateliê, uma espécie de barracão situado ao fundo da casa onde vive a família, é abarrotado de violas. As peças apresentam variações de madeira (cedro-rosa, cajá-manga, pinho cuiabano, sarã-de-leite e ximbuva) e tamanho (quatro formatos que variam de 58 a 78 centímetros). E isso sem contar as reproduções em miniatura, que são comercializadas como souvenirs.

Alcides também confecciona outros dois instrumentos típicos de Mato Grosso: o ganzá e o mocho. O ganzá é feito de taquara (tipo de bambu) talhada no sentido transversal ao comprimento. Utiliza-se um osso (costela bovina) para raspar e obter o som, mas hoje em dia também é comum a utilização de baqueta, pedaço de pau ou garfo com esta mesma finalidade. Já o mocho é parecido com um pequeno banco de madeira, com quatro pernas e couro esticado, percutido com dois bastões.

A harmonia sonora deste trio (viola-de-cocho, ganzá e mocho) embala manifestações da cultura popular de Mato Grosso, como o cururu e o siriri, tradições seculares de origem indígena, mais populares nas zonas rurais e ribeirinhas. No siriri, as dançarinas sacodem longas e coloridas saias com estampas florais enquanto batem os pés descalços no chão, num ritual que, segundo a tradição indígena, serve para afastar maus espíritos. E o cururu é um ritmo tocado somente por homens que se vestem elegantemente e apresentam versos improvisados ou já consolidados na memória do



povo, geralmente exaltando as belezas naturais da região ou temas religiosos.

E além dos instrumentos, as mãos de Alcides também forjam as icônicas canoas-de-cocho, utilizadas pelos ribeirinhos durante a pesca. Como sugere o “sobrenome”, as canoas têm muito em comum com as violas, pois além de serem concebidas a partir de uma única peça de madeira, ainda são talhadas com as mesmas ferramentas utilizadas para confecção das parentes musicais. E inclusive ambas recebem o mesmo sobrenome porque a técnica utilizada para construí-las é a mesma da dos cochos (recipiente de madeira onde se coloca alimento para animais em zonas rurais).

E dentre os inúmeros instrumentos espalhados pelo ateliê, um se destaca por já estar bem deteriorado pelo tempo. Trata-se da primeira viola-de-cocho feita por Alcides, datada do início da década de 80. Ele a exhibe ao lado de uma tora de aproximadamente 80cm de altura, por 35cm de largura e 15cm de espessura, do qual irá “extrair” mais uma.



O tronco bruto é de sarã-de-leite, uma madeira leve, boa para se construir violas-de-cocho, porém não tem outras utilidades, afinal de contas, por crescer muito próximo aos rios, é relativamente mole e apodrece rápido. O rio, neste caso, é o Cuiabá, que fica há cerca de cinco quilômetros da casa. Importante ressaltar a autorização legal para a extração, até porque existe um projeto que planta cinco mudas para cada árvore destinada à produção das violas. Em média, por ano, ele utiliza cerca de sete.

E existe a fase lunar adequada para cada corte. A tora em questão, por exemplo, foi retirada na lua minguante, visto que a sabedoria popular atesta que os instrumentos mais resistentes tiveram a madeira extraída neste período. A lua cheia, por sua vez, provém peças com melhor ressonância ou, de acordo com Alcides, violas que “urram mais”.

Este profundo saber que fundamenta a feitura é oriundo de uma tradição familiar mais que centenária, uma semente plantada há quatro gerações e que ainda dá frutos. E a tendência, vide o interesse dos filhos, é que seja perpetuada. O registro deste minucioso processo artesanal, que é específico de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, data de aproximadamente 300 anos, não por acaso o modo de fazer está registrado, desde 2004, como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

E enquanto risca a face frontal da tora repartida ao meio, contornando o molde que criou (cada mestre desenvolve um formato específico), Alcides menciona que o saber, ainda restrito a poucos, lhe foi compartilhado por Caetano Ribeiro dos Santos (o pai) e Manoel Severino de Moraes, a lendária dupla de mestres cururueiros que trabalhava em parceria, e que por sinal foram os primeiros artesãos a expor o item no Sesc Mato Grosso, prática também conservada por Alcides.

Todavia, se hoje a viola-de-cocho é considerada um símbolo mato-grossense, em tempos idos e ainda não tão distantes assim era bastante negligenciada e subestimada, inclusive por membros de sua própria família. Neste contexto, o interesse pessoal do jovem Alcides, que o fazia acompanhar os mais velhos desde o momento do corte até as rodas de cururu, lhe rendeu, à época, alguns apelidos que recorda com certa mágoa, como “Jeca” e “Matuto”. Mas como a roda da vida dá voltas, alguns que antes debochavam, agora também produzem e tentam comercializar. “Parece que o reconhecimento mudou até o jeito de pensar”, ironiza.

Após concluir a reflexão e o traço do desenho, começa a entalhar utilizando o facão. Aos poucos os golpes vão delineando o formato. Além da precisão do movimento e da impecável afiação da lâmina, o próprio estado da madeira é um aliado neste procedimento, afinal foi recém-cortada, ainda está “verde”, ao passo que se já estivesse seca (retirada há alguns dias) seria algo praticamente inviável.

Delimitado o corpo do instrumento, empunha o enxó, uma ferramenta com o fio curvado utilizada para escavar tanto canoas quanto violas-de-cocho. Mas não é qualquer enxó, este é de fabricação alemã e com mais de um século de uso. Foi presente de um mestre que já morreu, e este, por sua vez, também recebeu de presente há muito tempo, quando ainda era criança, de um tio que trabalhava no ramo.

Alcides manuseia o objeto secular com a mesma destreza com que manipula o facão. Durante este procedimento, também utiliza a goiva (ferramenta com uma lâmina curta e curvada em uma das extremidades) em momentos que exigem maior detalhamento e nos espaços menores. A aguçada técnica faz o laborioso escavar do tronco aparentar ser tão simples quanto escavar terra úmida com uma pá.

Ele forja delicadamente a fina parede da caixa de ressonância enquanto discorre sobre as tentativas de industrialização do instrumento.

Lembra que em São Paulo, por exemplo, há quem produza e venda “violões-de-cocho” (haja aspas) montadas em sete partes, semelhante ao método do violão, ignorando o modo original que se vale de um único corte durante a confecção.

E a peça sobre a mesa do ateliê, que de início era uma tora maciça, adquire aspecto de viola através da alquimia do artesão. A metamorfose segue seu curso, mas é só começo do processo. A madeira ainda precisa repousar alguns dias para que, já seca, possa receber os demais elementos que caracterizam o instrumento. Daí a razão da feitura levar em média dez dias.

O primeiro elemento a ser inserido após a secagem é o tampo (de figueira-branca; sarã ou sarã-de-leite), que redundantemente tampa a “boca da viola” após esta já estar lixada. Atualmente se prende o tampo e as demais partes utilizando cola de madeira, mas os antigos utilizavam a “poca” (grude feito a partir da vesícula natatória de peixes ou membrana respiratória de piranhas) ou, dependendo da região, o sumo da batata sumbaré.

Após assentar e lixar o tampo, são colocadas a escala, paleta, cavalete, pestana e cravelhas. Alguns destes elementos, por exigirem maior resistência, costumam ser feitos de madeiras mais sólidas, como o cedro e o roxinho. O braço ainda recebe os pontos (equivalente aos trastes em outros instrumentos de corda). Trata-se de três barbantes “encerados” (com cera de abelha) e enrolados a uma distância de 3cm, 5cm e 7cm em relação à pestana.

Então, já praticamente pronta, é a vez do encordoamento. Os mestres contemporâneos utilizam quatro cordas feitas com fio de pesca (náilon), além da corda ré do violão de aço. Entretanto, em outros tempos, eram utilizadas tripas de animais silvestres, principalmente ouriços e bugios. Hoje, visando a preservação da fauna local, esta prática é proibida.



Alcides relata que a diferença entre os sons é quase imperceptível, mas destaca que o náilon é bem mais resistente, podendo durar mais de ano, enquanto que as tripas arrebentavam com demasiada frequência, de modo que os cururueiros tinham que se prevenir com ao menos um par de encordoamento por noite, o que equivalia à morte de dois a quatro bugios.

Por conta disso, o filho de Seo Caetano não é nenhum pouco saudosista ou nostálgico quando se trata do uso de vísceras animais. Pelo contrário, considera a proibição fundamental para a preservação destas espécies, que, por sinal, existem em abundância na região de Varginha.

E finalmente, após todas as etapas descritas, eis a viola-de-cocho! Embora esta lógica de produção seja basicamente a mesma para todo artesão, vale ressaltar sutis acabamentos que imprimem a assinatura de cada um, como as formas do corpo e os diferentes desenhos das paletas (parte onde as cordas são amarradas às cravelhas).



E apesar de sempre seguir à risca esta rigorosa metodologia, Alcides explica que uma nunca sai igual a outra, e acrescenta que é impossível prever o resultado durante a escolha da madeira, pois cada árvore tem seu ponto específico que dá (ou não) um bom instrumento. Contudo, durante a feitura, identifica quais serão ideais para tocar e quais servirão apenas como adereço, e posteriormente as comercializa segundo estes dois critérios.

A viola-de-cocho é um símbolo mato-grossense porque é constituída, integral e literalmente, a partir de elementos locais, desde as madeiras típicas dos biomas do estado, passando pelas matérias-primas de origem animal (atualmente só a cera de abelha), e, principalmente, pelo tradicional saber quase tricentenário preservado até os dias atuais.

Um saber que remete à ancestralidade de Alcides, personificada na figura de Seo Caetano, de quem lembra fumando “aquele paierão de fumo, de palha ainda, enquanto tocava a sua viola”. Além de um legado, este é um compromisso da família, traduzido na citação que o artesão pega emprestado do pai: “Enquanto eu estiver vivo, vou segurar essa bandeira”.

Túlio Paniago Vilela